

**SEM QUERER, QUERENDO:
CATOLICISMO E POLÍTICA NA AUTOBIOGRAFIA DE ROBERTO GÓMEZ
BOLAÑOS**

Priscila de Andrade Rodrigues¹

Ricardo Duwe²

Resumo: Autor, roteirista, diretor e ator de duas das séries televisivas de maior sucesso comercial na América Latina – Chaves e Chapolin Colorado –, Roberto Gómez Bolaños (1929-2014) ganhou ampla notoriedade nos círculos midiáticos como o principal idealizador das obras em questão. Todavia, este trabalho busca compreender a sua trajetória por um viés ainda pouco explorado e que entrecruza-se com sua própria produção cultural: a sua agência política em defesa de valores e princípios católicos. Portanto, para os fins aqui expostos, promover-se-á a crítica documental da sua autobiografia, *Sin Querer, Queriendo*, publicada no ano de 2006. Buscando promover um diálogo entre as contribuições de um conjunto de autores que desenvolveram estudos a respeito das particularidades do gênero biográfico – tais como Pierre Bourdieu, Giovanni Levi, François Dosse e Sabina Loriga – e o ferramental teórico expresso pelo conceito de cultural política na acepção do historiador Serge Berstein, este trabalho visa promover uma análise crítica da narrativa criada por Roberto Gómez Bolaños na referida obra em torno da sua própria trajetória de vida, explorando problematizar a mesma a partir de determinados recursos como a construção de silêncios, seleção de memórias e sentidos. Assim, nossa hipótese sustenta-se na percepção de que tal narrativa é consubstanciada principalmente por um conjunto de referências, representações de valores e críticas voltadas a certas práticas sociais e instituições políticas que remetem a uma cultura política católica conservadora, sendo que Bolaños manteve-se enquanto um defensor deste conjunto de princípios ao longo de boa parte de sua vida pública.

Palavras-chaves: Cultura Política. Catolicismo. México. Biografia.

O OBJETO E O PROBLEMA

No ano de 1986, em seu artigo *A ilusão biográfica*, o sociólogo Pierre Bourdieu publicou uma dura crítica à noção de *história de vida* ou *biografia* que acabou por suscitar um amplo debate em torno das metodologias até então empregadas para se analisar uma trajetória de vida, ou mesmo questionar em última instância a própria possibilidade de se trabalhar com tal perspectiva, sendo central em sua discussão a necessidade de se questionar: seria a vida

¹ Mestranda no curso de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e bolsista CAPES-DS. E-mail: priscilasempre@yahoo.com.br

² Doutorando no curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista CNPq. E-mail: ricardoduwe@hotmail.com

passível de ser delimitada ao formato de uma trajetória, ou, como afirma o autor, isto seria “aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos”? (BOURDIEU, 2006 [1986], p.183-184) Em sua argumentação, o sociólogo francês indicou que:

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que *se entrega* a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (...), tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado* do *sentido* da *existência* narrada (e, implicitamente, de qualquer existência). Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tomar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. E é provável que esse ganho de coerência e de necessidade esteja na origem do interesse, variável segundo a posição e a trajetória, e que os investigados têm pelo empreendimento biográfico. Essa propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos *significativos* e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência (*Idem, Ibidem.* p.184-185).

Analisar de forma pormenorizada este complexo movimento de *tornar-se ideólogo de si mesmo* é um dos principais objetivos deste artigo. Para tal, a autobiografia do autor, roteirista, diretor e ator mexicano Roberto Gómez Bolaños (1929-2014) servirá de objeto de estudo para este exercício teórico e metodológico de se explorar os benefícios de uma crítica a este tipo de gênero literário e narrativo para o campo da historiografia. Publicada no ano de 2006, a obra *Sin Querer, Queriendo* consiste em uma autobiografia de Bolaños, na qual este busca desenvolver reflexões a respeito de sua vida, articulando em sua narrativa uma série de fatos e temas que encontram-se dispostos em uma trajetória que vão desde as condições do seu nascimento, suas origens familiares, sua formação educacional, seus relacionamentos afetivos e sua vida privada, sua inserção no mundo do trabalho da televisão, a criação de seus personagens e séries – Chaves e Chapolin Colorado –, sua ascensão profissional dentro da *Televisa S.A.*, encerrando a mesma com a sua atuação na campanha eleitoral de Vicente Fox (2000-2006) e seu governo como presidente do México.

Cabe aqui destacar que a mesma segue o estilo moderno mais usual e propício ao mercado consumidor deste tipo de gênero, na qual um indivíduo busca *relatar* a sua vida desde a sua *gênese* até um determinado momento no presente, inserindo no entremeio do ato informações supostamente pouco conhecidas do público leitor, dramas pessoais, perspectivas particulares de determinados eventos, sendo a mesma narrada na primeira pessoa do singular, característica essa que tem o intuito de causar ao leitor uma impressão de que este é passível de adentrar no íntimo do psicológico do narrador e compreender as razões de suas escolhas e de sua visão de mundo. Em geral, este modo de biografia moderno distingue-se de modelos clássicos em que o objetivo central seria o de constituir um registro de uma vida capaz de servir como um exemplo de conduta para o futuro – narrativas estas permeadas pela influência da *Historia Magistra Vitae* (BURKE, 1997; KOSELLECK, 2006). Por sua vez, este modelo moderno sugere um enfoque nas particularidades da vida de cada indivíduo, abandonando assim a noção da *biografia como exemplo* para a da *biografia como exercício de empatia*.

Expostas estas reflexões, externa-se aqui enquanto hipótese interpretativa deste artigo que a autobiografia de Bolaños encontra-se consubstanciada principalmente por um conjunto de referências, representações de valores e críticas voltadas a certas práticas sociais e instituições políticas que remetem a uma cultura política católica³ conservadora. Tais elementos são passíveis de serem identificados a partir de uma análise dos mecanismos utilizados pelo autor para atribuir sentido e coerência à sua trajetória de vida a partir de balizas católicas. Assim sendo, exploraremos a obra autobiográfica de Bolaños enquanto uma fonte histórica para se debater o pensamento político católico no México em uma escala reduzida.

CATOLICISMO E POLÍTICA

Há um elemento que perpassa a autobiografia de Bolaños e que pode parecer contraditório com a proposta de se promover um estudo a respeito do conteúdo político da

³ Mobilizaremos o conceito a partir da perspectiva de Serge Berstein. Para o autor, de forma mais categórica, a cultura política de um grupo pode ser compreendida enquanto um fenômeno político de média e/ou longa duração que parte da simbiose entre uma base filosófica ou doutrinal, uma leitura comum e normativa do passado, uma concepção de organização do Estado e um discurso codificado por meio de representações, tais como vocabulários, símbolos, rituais e gestos próprios. Cf. (BERSTEIN, 1988)

mesma. Em diversos momentos, o autor busca distanciar-se da política, relacionar a mesma com *corrupção* e *trocias de favores* e acima de tudo delimitá-la apenas às suas formas de expressão nos âmbitos partidários e institucionais. Tal abordagem que o autor promove a respeito do tema parece estar associada com a necessidade de distanciar a sua carreira profissional de possíveis favorecimentos ou influências externas, levando o mesmo a afirmar que suas “atividades estavam totalmente distanciadas da política” (BOLAÑOS, 2006, p.74).

Outro momento que reforça esta interpretação é quando Bolaños apresenta o seu posicionamento em relação ao período em que seu primo-tio Gustavo Díaz Ordaz (1964-1970) foi presidente do México. O autor coloca que ao receber a notícia de que este seria candidato à presidência pelo Partido Revolucionários Institucional (PRI), decidiu não manter contato com Ordaz durante todo o seu mandato. Ao descrever as suas lembranças de seu primo-tio, Bolaños enfatiza ter tido apenas “um trato muito eventual” com ele, mas que recordava que o mesmo era um “tipo simpático”, que “cantava muito bem, acompanhado com o violão, tinha uma estupenda voz (para cantar e falar) e que era muito bom para contar piadas”. Todavia, seu argumento termina em um tom irônico, atestando que Ordaz “era, ademais, político, porém, neste mundo, nada é perfeito” (*Idem, Ibidem*, p.73).

Como previamente exposto, a *ilusão biográfica* apontada por Bourdieu tem por princípio legitimar uma perspectiva de que a vida seria passível de ser reduzida a uma trajetória com um *início*, *meio* e *fim* que estariam entrelaçados em uma narrativa coerente. Deste modo, torna-se interessante para os fins desta pesquisa apontar como Bolaños inicia e termina a sua narrativa biográfica, pois temos a presença de fortes posicionamentos políticos em ambos os casos. Logo nas primeiras linhas de sua obra há uma descrição de uma mulher grávida que ingeriu de forma equivocada um medicamento com um componente abortivo e enfrentou problemas na sua gestação por isto, mas que “consciente dos riscos a que estavam sujeitos ela e seu bebê, incluídas as doenças e as privações em causa, a mulher decidiu afrontá-los em troca de continuar com a gestação do ser, o qual não queria arrancar a oportunidade de viver” (*Idem, Ibidem*, p.4). Ao revelar logo adiante que esta era uma descrição da experiência de sua mãe durante a sua gravidez, Bolaños realiza uma crítica à prática e a legalização do aborto a partir de uma concepção da vida influenciada por uma

leitura mais conservadora do catolicismo, sendo esta uma pauta defendida ao longo de sua vida.⁴

A maneira como o autor encerra a sua obra também fornece indícios importantes tanto da sua forma de observar e compreender a sociedade mexicana em que este encontrava-se inserido, mas também de observar, compreender e atribuir sentido à sua própria *trajetória de vida*. Assim, Bolaños relata tanto o seu apoio à candidatura de Vicente Fox para a presidência do México nas eleições de 2000, como ao seu governo subsequente. Em seus termos, Fox seria um “homem de linguagem direta, valente, e emancipado dos velhos e caducos usos do discurso oficial”, pois “ao invés de dizer, por exemplo: *nossa plataforma política se sustenta nos imaculados princípios emanados da epopeia revolucionária*, o discurso de Fox dizia: *já estamos fartos destes funcionários corruptos*” (*Idem, Ibidem*, p.201). Nas últimas linhas de seu texto, ainda enfatiza-se que “não deixa de ser significativo que eu tenha escolhido a narração deste acontecimento para por ponto final a um livro meu, já que se trata de um final feliz, o qual se identifica plenamente com o tipo de dramaturgia ao qual dediquei a maior parte de minha existência” (*Idem, Ibidem*, p.202). Não obstante, Bolaños ainda reserva um epílogo na sua obra apenas para rebater as críticas ao governo de Fox, defendendo as mudanças ocorridas no mesmo após 71 anos de governos do PRI, sendo a maior delas a de maior liberdade de expressão. Nas suas palavras:

É indiscutível que a liberdade de expressão foi a maior das mudanças, mas, paradoxalmente, também foi a melhor arma de quem nega a sua existência; porque antes, quem se atreveria a dizer, por exemplo, que “o presidente é um covarde (*mandilón*) e um ignorante” ou que “o Chefe de Governo do Distrito Federal é um protetor de corruptos”? A resposta é: ninguém (ou quase ninguém, pelo menos). Agora, no entanto, há uma mudança. E é a mudança que não somente os permite expressar-se publicamente com frases como as

⁴ Em diversas situações Bolaños se expressou de forma contrária a legalização do aborto, sendo um dos casos mais controversos quando este apresentou no ano de 1977 a sua canção “Nacer” no espetáculo da OTI (Organización de Televisión Iberoamericana), sendo a mesma incorporada também em seu filme “*El Chanfle*” de 1979. A canção tem como base um forte discurso anti-aborto em sua letra, tendo como narrador uma criança que direciona um discurso para a sua mãe que a abortou, com passagens como: “Eu quero já nascer e quero conhecer o calor que tem cada flor / Eu quero já jogar e o jogo disfrutar com outras crianças / Já quero correr por todas as partes do campo/ Escutar mil pássaros cantar / Já quero sorrir e quero receber muitos carinhos / Mas alguém pensou de outro modo e em um instante falta decidiu que tudo terminaria/ E tudo terminou / E agora eu nunca poderei conhecer o calor das flores, nem escutar passarinhos cantores, nem dizer: eu te quero, mamãe / Eu quero nascer”. Tradução livre da autora. Cf. (BOLAÑOS, *op.cit.*, 2006, p.119-120); **El Chanfle**. Direção: SEGOVIANO, Enrique. Produção: BOLAÑOS, Roberto Gómez; OCHOA, Carmem. Roteiro: BOLAÑOS, Roberto Gómez; OCHOA, Carmem. Cidade de México: Telecine S.A., 1979.

citadas, senão com muitas outras majoritariamente ofensivas, cruéis e implacáveis (*Idem, Ibidem*, p.203).

Estes apontamentos ajudam a identificar que a retórica pretensamente *não-política* de Bolaños não configura uma ausência de posicionamentos perante os conflitos sociais em seu texto, mas, pelo contrário, fornece subsídios para que possamos perceber a presença destes em sua obra e como eles são apresentados a partir de uma retórica que não os apresenta enquanto posições políticas. Os exemplos da forma como este inicia e termina a sua obra servem como síntese de dois movimentos que encontram-se intimamente conectados na sua narrativa: a defesa de valores católicos sob uma perspectiva conservadora e críticas aos governos do PRI. Ao relacionarmos tais movimentos com o contexto do período, a influência de uma cultura política católica conservadora no pensamento político de Bolaños torna-se mais evidente.

A respeito da história do catolicismo no México, diversos autores já lançaram contribuições sobre o tema a partir de abordagens variadas.⁵ Em uma escala de maior abrangência, o antropólogo Guilherme Bonfil Batalla entende o processo de inserção da Igreja Católica no México como parte de uma disputa entre projetos civilizacionais, aos quais o autor identifica como *México Profundo* e *México Imaginário*. Ao relacionar a difusão do catolicismo no país desde o século XVI à permanência de um conflito que teve seu início com o processo de colonização do México pelos espanhóis, Batalla denomina *México imaginário* um projeto civilizacional de longa duração, ocidental, urbano e cristão, compartilhado pelas classes dominantes mexicanas e que estabeleceu-se como hegemônico no país até os dias atuais. O argumento central da tese de Batalla sugere que este amplo domínio político, social e cultural somente foi possível por meio da exclusão de outro projeto, o do *México profundo*, composto por povos de origem mesoamericana, rural e indígena que foram historicamente negados pelos mais distintos projetos nacionais mexicanos. Assim, nos termos do autor “a coincidência de poder e civilização ocidental, em um polo, e sujeição e civilização mesoamericana no outro, não é uma coincidência fortuita, senão o resultado necessário de uma história colonial que até o momento não foi cancelada no interior da sociedade mexicana” (BATALLA, 1990, p.10).

Convém destacar também que autores como José Luiz Gonzales apontam que ao longo deste processo também ocorreram sincretismos culturais entre as formas de expressões

⁵ Para uma vasta compilação das principais referências neste campo, ver: Cf: (UGARTE; SALAS, 2016)

religiosas das sociedades mesoamericanas e europeias, sendo uma das sínteses dialéticas destas duas um *catolicismo popular* de veras presente e ativo na sociedade mexicana em diversos âmbitos, sendo algumas de suas características: a exaltação da relação sagrada dos seres humanos com a terra e a natureza, o uso de práticas e saberes de cura tradicionais, a celebração de rituais e cerimônias próprios – sem necessariamente o consentimento da Igreja Católica -, bem como adoração de figuras oriundas deste hibridismo cultural, como a Virgem de Guadalupe (GONZALES, 2000).

Para que se possa compreender de forma mais aprofundada as críticas levantadas por Bolaños aos governos do PRI e sua leitura conservadora do catolicismo, convém situarmos historicamente de forma mais precisa os conflitos entre Igreja Católica e Estado a partir da Revolução Mexicana deflagrada em 1910. Neste sentido, dois movimentos políticos merecem uma particular atenção em nossa análise, pois eles se entrecruzam e consubstanciam uma série de disputas envolvendo a Igreja Católica e grupos sociais organizados de origem católica no México desde o final do século XIX até pelo menos o ano de 1929. O primeiro parte de um movimento de renovação do pensamento social da Igreja Católica, sendo este passível de se relacionar com a encíclica *Rerum Novarum* (1891) escrita pelo papa Leão XII a respeito das condições dos operários e da democracia no final do século XIX. Ao promover uma leitura pessimista das sociedades laicizadas e modernas do período, relacionando os seus problemas sociais como a fome, a miséria e má distribuição de renda à uma carência de princípios éticos e morais, a encíclica incentivava os católicos a participarem da vida social e política, apoiava a formação de sindicatos, pregava a justiça social aos mais pobres e assim buscava reconectar a Igreja com o povo. Cabe ressaltar que a mesma tanto tecia críticas a uma forma de capitalismo irresponsável adotado a partir da Revolução Industrial, quanto também defendia o direito a propriedade privada e discordava de princípios socialistas como a propriedade coletiva (RERUM NOVARUM, 1891).

De acordo com Jean Meyer, tais mudanças de postura da Igreja Católica na sua relação com a sociedade – em especial com as classes populares - implicou tanto no desenvolvimento de um forte ativismo religioso, que tinha como uma de seus principais ideais a contestação do princípio liberal de que as manifestações religiosas deveriam ser limitadas à vida privada e ao foro íntimo, pregando assim uma forma de catolicismo pública e atuante nas mais distintas esferas da sociedade. Este movimento ficou conhecido como *a segunda*

crístandade ou *catolicismo social*, o qual forneceu uma série de princípios que legitimaram manifestações sociais de cunho católico nos espectros políticos mais diversos, sendo esta também a base para o desenvolvimento da *democracia cristã*, uma importante corrente política de abrangência global até os dias atuais. Ainda segundo Meyer, este complexo processo teve implicações particulares e muito significativas no caso mexicano, levando o autor a afirmar que o mesmo teria sido “um caso exemplar, no marco romano mundial” (MEYER, 1993, p.720). Assim sendo, as principais características desta nova forma de expressão religiosa e política no México durante o final do século XIX e até o ano de 1929 foram: o crescimento do clero, desenvolvimento de ordens religiosas, fundação de congregações, aumento do poder e influência de um catolicismo popular, desenvolvimento de peregrinações, ampliação da influência do catolicismo nas escolas, associações, grêmios e sindicatos.

A vitória do movimento revolucionário contra a ditadura de Porfírio Diaz (1876-1911) em 1910 trouxe novas configurações para as relações entre Estado e Igreja Católica. Se o antigo governo era apoiado por donos de grandes propriedades de terra e pelo alto clero da Igreja católica – que por sua vez, também era detentora de grandes porções de terra -, a Revolução Mexicana significou uma grande ruptura neste domínio político e econômico, em especial a partir da declaração da Constituição de 1917 que promoveu uma redistribuição de terras aos povos indígenas e a separação de Igreja e Estado.⁶ O conteúdo profundamente anticlerical desta Constituição encontrava-se expresso de forma mais direta nos artigos 3º (sobre a obrigatoriedade de um ensino laico), 27º (estabelecia a nacionalização de todas as terras no território mexicano – inclusive as pertencentes à Igreja Católica) e 130º, o qual proibia: toda forma de organização política civil de utilizar alguma palavra em seu nome que remetesse à alguma religião; publicações de caráter religioso de comentarem assuntos políticos nacionais; a realização de cultos religiosos públicos sem a permissão das autoridades governamentais; bem como impedia que fossem realizadas reuniões de caráter político em templos religiosos (CONSTITUCIÓN POLÍTICA DE LOS ESTADOS UNIDOS MEXICANOS, 1917).

⁶ Embora uma ampla bibliografia possa ser mobilizada para se discutir a Revolução Mexicana, limitamo-nos a sugerir a leitura de: BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

As implicações da reorganização social e ideológica do Estado mexicano a partir da Revolução encontram-se presentes na biografia de Bolaños. A sua leitura deste período está intimamente ligada com a sua posição social e a trajetória de sua própria família. Criado em uma família de classe média alta, católica e composta por antigos aristocratas e funcionários públicos, Bolaños relata que a família de aristocratas de seu pai perdeu muito do seu prestígio econômico e político com a Revolução e a família de sua mãe teve que fugir do país e rumar para Nova Iorque devido aos *perigos* do movimento revolucionário. Um dos trechos da sua obra que mais chama a atenção é o relato elaborado a respeito da sua formação educacional realizada em colégios maristas durante a sua formação escolar básica. Nesta passagem, podemos ver a grande valorização que o mesmo dá a influencia desta filosofia na formação do seu caráter. Em seus termos:

as escolas dos Irmãos maristas (onde estudei toda a minha vida até terminar o bacharelado) me deram muitas coisas boas e algumas más. Entre as primeiras devo mencionar a inculcação dos principais morais e cívicos, que têm sido a almofada que me ajuda a conciliar o sono sem o peso de grandes cargos de consciência, uma excelente instrução, etc. (BOLANÓS, p.11)

De forma conjunta a esta passagem e valendo-se de sua experiência, o autor promove uma crítica às restrições constitucionais que o Estado mexicano promovia, afirmando que a sua religião era atacada pelos governos revolucionários, pois “as escolas (incluindo as particulares) eram obrigadas a transmitir uma educação de cunho socialista, ignorando descaradamente a neutralidade da Constituição”. Ainda para este, “as instituições oficiais confundiam o conceito de laicismo, que significa ausência de conteúdos religiosos, com o conceito de antirreligioso (geralmente anticatólico)” (*Idem, Ibidem*). O autor ainda relata que os professores maristas dos colégios onde estudou, ao lecionarem a disciplina de Religião, tinham que se confrontar com outros professores ditos *laicos* que negavam a fé e os saberes dos primeiros, bem como eram vigiados por agentes do governo. Por fim, alega que o conflito entre *católicos* e *laicos* possuía as suas origens nos *fanatismos* de ambos os lados que se enfrentaram durante a *Cristiada*, revolta popular que se desenrolou durante os anos de 1926 e 1929 no México.⁷

⁷ A *Guerra Cristera*, *Revolução Cristera* ou somente *Cristiada*, foi um levante popular contra medidas anticlericais adotadas na Constituição mexicana de 1917 e que tornaram-se ainda mais severas com a *Lei de*

Um aspecto que merece maior atenção ao seu trabalhar Bolaños como um ator social e político com fortes influências de valores e formas de conduta tipicamente católicas é a importância de inseri-lo e compreendê-lo como um católico do seu tempo e oriundo de um grupo social específico. Neste sentido, demonstra-se pertinente a leitura realizada por Roberto Blancarte de que a experiência frustrada da *Cristiada* significou um abandono do *catolicismo social* por parte da Igreja Católica nos anos subsequentes ao movimento. Para o autor, “desde então, os efetivos da militância católica provêm basicamente das classes médias e não existem organizações de massas de inspiração católica” (BLANCARTE, 1992, p.5). Ao comentar a respeito da *Cristiada*, Bolaños é crítico ao enfatizar a violência característica do movimento, citando um caso envolvendo Garrido Canabal, então governador do Estado de Tabasco, o qual teria mandado “aos seus capangas, os chamados *camisas vermelhas*, que metralhassem a gente que saia de um templo” (*op.cit.*, p.11).

O que parece interessante frisar a partir destes apontamentos são os mecanismos que Bolaños promove para realizar a sua leitura do referido movimento, responsabilizando-o pelos *fanatismos desenfreados*, o uso descabido da violência como instrumento de luta política e as fatais consequências do mesmo. Ao construir esta narrativa em que este se posiciona como distante, alheio e crítico à *Cristiada*, Bolaños parece indicar em última instância que ao não coadunar da radicalidade das propostas dos movimentos políticos do *catolicismo social*, sua trajetória de vida estaria coerente com uma outra forma de catolicismo que não partisse dos mesmos pressupostos de ação política e instrumentos adotados nesta experiência histórica.

Ao analisarmos a obra de Bolaños, o que parece despontar em um primeiro momento como fio condutor da sua narrativa são críticas à modernidade a partir de critérios éticos e morais católicos. Isto pode ser percebido em algumas de suas posturas no campo da política e da economia, como a sua desconfiança em relação aos *políticos* e a política partidária em geral, bem como de suas críticas à atuação das lideranças sindicais nos governos do PRI, relacionando-as com práticas de corrupção, em especial dentro da *Petróleos Mexicanos* (PEMEX), empresa estatal criada a partir da política de nacionalização do petróleo em território mexicano promovido pelo governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940) em 1938 (*Idem, Ibidem*, p.11-12). Interessante perceber que estas críticas também podem ser encontradas no campo dos costumes e das expressões artísticas modernas, sendo um exemplo

Reforma do Código Penal promulgada no ano de 1926 pelo governo de Plutarco Elías Calles (1924-1928). Estima-se 90.000 mortes nos conflitos. Cf: (MEYER, 1973-1974)

a passagem em que Bolaños tece comentários sobre os *Beatles*. Na sua perspectiva, embora o quarteto de Liverpool tenha “revolucionado o universo da música”, um aspecto negativo de suas carreiras foi “a despreocupada e imprudente confissão de que consumiam drogas; o que, na voz dos que eram ídolos da juventude, constituía o mais lesivo dos exemplos” (*Idem, Ibidem*, p.70). Todavia, seria então a narrativa biográfica do autor uma construção de uma imagem deste como um crítico desconfortável e *estranho* à modernidade mexicana?

Para responder a tal questionamento, precisamos primeiro partir novamente das contribuições de Jean Meyer quando este afirma que entre os anos de 1968 e 1973 houve um ressurgimento da religiosidade e das instituições religiosas na esfera política. Para o autor, este movimento partiu de um princípio distinto do catolicismo mexicano do século XIX que era contrário à modernidade em defesa de suas tradições. Segundo Meyer:

Os últimos vinte anos representam uma ruptura com a concepção de modernidade sem dimensão religiosa, ou melhor dito, com o confinamento da religião ao privado. Estes *movimentos* pretendem re-socializar a religião, reconquistar a sociedade global, reconstruir identidades sociais e comunidades. Nasceram, depois de 68, sobre os escombros das ideologias de progresso: liberalismo, *socialismo real*, sionismo, Vaticano II, etc. Já não se trata de modernizar o cristianismo, senão de cristianizar a modernidade. Para o catolicismo não é nada novo, é o velho *integralismo* (não confundir com *integrismo*) de quase um século, com outras palavras, com um estilo muito diferente ligado a urbanização e aos meios de comunicação. (MEYER, 1993, p.730-731)

Portanto, os termos de Meyer auxiliam na contextualização das ações políticas de Bolaños como parte deste processo em maior escala, cujo o imperativo máximo não seria o de combater a modernidade, mas cristianizá-la. Tais apontamentos demonstram-se pertinentes para perceber uma série de elementos que são selecionados em sua obra para fazer parte da sua trajetória de vida e que vão ao encontro deste movimento: suas duras críticas aos regimes socialistas e a experiência da URSS⁸; a sua ascensão profissional como um católico dentro de

⁸ Em sua biografia, o autor deixa claro a sua antipatia pelos governos comunistas, adjetivando-os de ditatoriais e que implementavam um regime de terror. Podemos encontrar nesta, passagens em que o mesmo define o governo de Joseph Stalin como um “pântano de podridão, crueldade, truculência, bestialidade, loucura, inclemência, etc” (p.15). Uma narrativa responsabilizando a URSS e Cuba pela crise dos mísseis de 1968, sendo que esta simbolizou um risco para o povo mexicano (p.69). Um longo relato a respeito de sua visita a Leningrado, e a sua dificuldade para encontrar e utilizar um banheiro público, dando a compreender o atraso e a ineficácia do modelo comunista. Uma definição do muro Berlim como uma grade que “separava o prisioneiro do homem livre” (p.166). E, por fim, Bolaños tece uma série de elogios a Mijail Gorbachov, considerando-o responsável por “suprimir aquela obsoleta administração econômica e política que não havia conseguido mais do

uma das maiores empresas de telecomunicação da América Latina – a *Televisa S.A.*; e até mesmo os registros ao longo do texto das mudanças no cargo de chefes – ou Papas - da Igreja Católica, o que demonstra a importância dada por Bolaños a tais eventos em sua vida.

As próprias críticas de Bolaños ao PRI parecem ir ao encontro do que Héctor Gómez Peralta considera ser a posição que a Igreja Católica passou a adotar em relação ao partido e seus governos. Para o autor, a Igreja desempenhou um importante papel no processo de transição mexicana do autoritarismo para uma democracia liberal, tendo esta atuado da seguinte forma:

A Igreja, como o resto da direita mexicana, tem sido o mais firme crítico dos valores do mundo moderno, o qual, contrário ao que a esquerda argumenta, tem sido, paradoxalmente, peça chave para a abertura da vida política do país ao ser um contrapeso do poder priísta [oriundo do PRI]. Sua militância nos últimos anos tem-se caracterizado por defender uma cultura política em que os membros do governo são vistos como *empregados* dos cidadãos, sua denúncia das arbitrariedades e a corrupção estatal tem sido fatores da aparição no México da luta por várias liberdades cidadãs como liberdade de cultos e expressão de opinião. (PERALTA, 2007, p.75)

A partir do exercício empreendido ao longo do artigo de se promover uma crítica da autobiografia de Bolaños enquanto uma fonte histórica, pode-se destacar que o objetivo maior foi atingido: o de apontar uma série de elementos nesta que demonstram que a construção narrativa da sua trajetória de vida foi influenciada pelos debates políticos de sua época, onde o catolicismo desempenhou um papel fundamental na atribuição de forma e sentido ao texto. Tal constatação demonstra-se significativa em um sentido de situar uma posição também dentro do próprio catolicismo, pois a vida de Bolaños perpassa um período em que interpretações distintas da própria religião geraram conflitos entre católicos, sendo importante salientar que a sua postura conservadora constitui-se em uma conjuntura em que outros grupos pregavam uma aproximação aos ideias marxistas, confrontavam as ditaduras de Segurança Nacional no Cone Sul, e pregavam um enfrentamento direto ao capitalismo (TOSI; FERREIRA, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

que empobrecer o povo, sob o curso de uma bestial corrupção e o pesadíssimo lastre de uma esmagadora inercia burocrática” (p.166).

Embora este artigo tenha dialogado com debates do campo da historiografia e das ciências sociais que não passíveis de serem desenvolvidos de forma apropriada em um curto espaço, como as críticas de Bourdieu ao gênero biográfico e as particularidades do catolicismo mexicano enquanto uma manifestação religiosa e política, consideramos que alguns importantes objetivos foram alcançados. Embora alguns poucos trabalhos já tenham abordado e discutido a produção cultural de Bolaños como idealizador de séries televisivas de grande sucesso (AGUASACO, 2010; RODRIGUES, 2015), um debate direcionado para se analisar a sua autobiografia e suas possibilidades para se compreender o seu comportamento político ainda não havia sido realizado.

Assim sendo, cabe apontar que ao se trabalhar no campo da história com este tipo de obra como fonte, o instrumental teórico para se promover a crítica a mesma oferecido por Bourdieu demonstra-se importante, mas também limitado. Como já expresso por Sabina Loriga, o ferramental do sociólogo francês é profícuo em uma série de sentidos, mas corre o risco de nos levar a uma armadilha por duas razões: 1) ao longo da história uma série de gêneros biográficos foram produzidos e que não necessariamente possuem este perfil *cronológico*, tão apropriadamente criticado por Bourdieu; 2) deve-se frisar que a produção de uma biografia como produto de uma pesquisa histórica, ou a crítica da biografia como fonte, possui um sentido particular para o historiador que a difere de outras áreas. Partindo destes apontamentos, Loriga afirma que é possível se valer dos apontamentos da *ilusão biográfica* em outro sentido, tal como o de “utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas” (LORIGA, 1998, p.246-247).⁹

Por fim, para a pesquisa histórica, o caráter *ilusório* ou não de uma biografia demonstra-se um debate importante, mas que não impede de forma alguma a realização de um estudo a partir de preocupações metodológicas próprias do campo. A partir da crítica da autobiografia de Bolaños, por exemplo, pudemos acessar uma série de indícios que nos auxiliaram no processo de reconstituir e apresentar uma arquitetura social e uma organização política do México durante boa parte do século XX em que expressões religiosas encontravam-se proibidas de serem realizadas em espaços públicos e delimitadas ao crivo de

⁹ Também a respeito deste debate, ver a seguinte contribuição: (LEVI, 2006)

uma série de restrições. Todavia, justamente por tal configuração que a trajetória analisada possui uma particularidade interessante: o uso dos meios de comunicação como uma estratégia para difundir ideais e valores católicos, como presentes por diversas vezes nas séries *Chaves* e *Chapolin Colorado*. Portanto, o desfecho da biografia de Bolaños com a vitória de Vicente Fox - cujo partido de filiação, o Partido da Ação Nacional (PAN) então definia-se ideologicamente como parte da *democracia cristã* – parece atribuir um sentido mais amplo até que uma própria vitória contra o PRI, ou contra o legado da Revolução Mexicana. Esta vitória atribui um desfecho final e um sentido para a trajetória de vida de Bolaños por ser, em última instância, uma vitória da cristianização da modernidade.

REFERÊNCIAS

AGUASACO, Carlos Eduardo. **No contaban com mi astucia! Parodia, nación y sujeto en la serie televisiva de el Chapulín Colorado [1970-1979]**. New York, 2010. p.279. Dissertation (Doctor Degree). Stony Brook University, Department of Hispanic Language and Literature.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In RIOUX & SIRINELLI (org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1988

BLANCARTE, Roberto. **Historia de la Iglesia católica en México**. México : Fondo de Cultura Económica, 1992.

BOLAÑOS, Roberto Gomes. **Sin querer queriendo**. Ciudad de México, DF: Ed. Aguilar, 2006.

BONFIL BATALLA, Guillermo. **México profundo: una civilización negada**. México: Grijalbo, 1990.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006 [1986].

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 10, n. 19, 1997.

CONSTITUCIÓN POLÍTICA DE LOS ESTADOS UNIDOS MEXICANOS, 1917.
Documento disponível em:

http://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/ref/cpeum/CPEUM_orig_05feb1917_ima.pdf.

Acessado em: 22/09/2017

GONZALES, José Luis. Catolicismo popular y tejido cultural. **Estudios: filosofía, historia, letras**, México, D.F., Instituto Tecnológico Autónomo de México, Departamento Académico de Estudios Generales Sección textos, vol.17, n.62-63 (otoño-invierno 2000), p.99-119.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da PUC-RJ, 2006.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

MEYER, Jean. Una historia política de la religión en el México Contemporáneo In: **Historia Mexicana**, México, D.F: Colégio de México, vol.42, n.3, 1993. p.711-744.

_____ **La Cristiada: la guerra de los cristeros**. México D.F: México Siglo XXI, 1973-1974.

PERALTA, Héctor Gómez. La iglesia católica en México como institución de derecha. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, México, D.F., vol. XLIX, n.199, enero-abril, 2007, p.63-78.

RERUM NOVARUM, 1891. Documento disponível em: http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acessado em: 22/09/2017.

RODRIGUES, Priscila de Andrade. **Movimentos friamente calculados: política, televisão e cultura em Chapolin Colorado**. Florianópolis, 2015. p.80. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

TOSI, Giuseppe; FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra (orgs.). **Contrarrevolução na América Latina: subversão militar e instrumentalização dos sindicatos, da cultura, das igrejas – Tribunal Russel II**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

UGARTE, Marta Eugenia García; SALAS, Sergio Franciso Rosas. La Iglesia católica en México desde sus historiadores (1960-2010). **Anuario de Historia de la Iglesia**, v.25, 2016, p.91-161